



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15657 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

**UM LUGAR DE (E QUE) FALA: PROCESSOS EDUCATIVOS DE (RE)EXISTÊNCIA E EMPODERAMENTO DE MULHERES NO CÁRCERE**

Ana Paula Brasil - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Osmar Moreira de Souza Junior - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Débora Cristina Fonseca - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - RIO CLARO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Ufscar

**UM LUGAR DE (E QUE) FALA: PROCESSOS EDUCATIVOS DE (RE)EXISTÊNCIA E EMPODERAMENTO DE MULHERES NO CÁRCERE**

Em 2018, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) destacou quatro penitenciárias brasileiras como exemplares em boas práticas no atendimento a mulheres privadas de liberdade. Dentre eles, o Centro Prisional Feminino de Cariacica (CPFC), no Espírito Santo, oferece assistência médica diferenciada e programas educativos voltados à transformação social das detentas (Conselho Nacional de Justiça, 2018). Este estudo analisa o projeto “Elas por Elas: um lugar de (e que) fala”, realizado no CPFC, em março de 2023. O projeto, composto por oficinas literárias de leitura e escrita para as mulheres encarceradas, iniciado com a leitura de trechos do livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” de Carolina Maria de Jesus, seguido pela escrita de crônicas inspiradas nesses textos. Premiado no Edital Diversidades e no Prêmio Elas, o projeto foi reconhecido por sua relevância na promoção da cidadania LGBTI+ (Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, 2024).

O objetivo desta pesquisa foi compreender as estratégias de resistência e empoderamento das

mulheres apenadas no CPFC, mediadas pelo projeto “Elas por Elas: um lugar de (e que) fala.” Investigamos como a educação e a produção literária contrária para a transformação pessoal e social dos participantes. O trabalho melhorou o modelo de pesquisa participante de Carlos Brandão (2006), integrando observação participante, entrevistas via WhatsApp com a escritora e proponente do projeto, Kátia Fialho, e análise de narrativas do livro “Um Lugar de (e que) Fala” (Fialho; Dal Gobo, 2023). A abordagem teórica fundamenta-se nos princípios de Paulo Freire (1980, 2005) sobre a educação como prática da liberdade e na pedagogia do oprimido, bem como nas análises de Michel Foucault (1987) sobre disciplina e poder nas instituições prisionais.

As narrativas coletadas, como “mapas” que guiam o leitor pelos labirintos do sistema prisional e das trajetórias de vida dessas mulheres, evidenciam a transformação das mulheres participantes do projeto. Os escritórios literários, como uma “ponte” que conecta o cárcere à liberdade, permitindo que as detentas transitem entre a realidade presente e os sonhos de um futuro melhor, proporcionaram um espaço para a expressão de experiências pessoais e coletivas, promovendo a conscientização sobre as condições de vida no cárcere e incentivando a resistência e o empoderamento. As crônicas das detentas são tijolos que constroem uma nova realidade. Elas refletem a luta contra a invisibilidade social e o desejo de recomeço, expressando esperança e determinação na residência de suas vidas. Amanda de Cassia Brito dos Santos e Rosiane dos Santos Rodrigues, que manifestam esperança e determinação em reconstruir suas vidas, fazem os relatos abaixo.

Amanda de Cassia Brito dos Santos: Eu quero ter uma família linda e ter tudo que nunca tive de bom. Deus vai mudar minha história e aquela Amanda do passado vai viver um futuro lindo (...) Eu vou chegar muito além disso porque eu posso, eu quero e vou conseguir. (FIALHO; DAL GOBBO, 2023, p. 15)

Rosiane dos Santos Rodrigues: Aqui dentro aprende que é elas por elas. Estou sobrevivendo aos altos e baixos e com o pensamento de que sairei uma mulher transformada. Acredito em um amanhecer melhor. (FIALHO; DAL GOBBO, 2023, p. 56)

A análise das narrativas demonstra a relevância da educação como prática libertadora no contexto prisional, conforme defendido por Paulo Freire (1980). O projeto “Elas por Elas”, como uma “orquestra de vozes”, onde cada história individual se harmoniza em uma sinfonia de empoderamento e resistência, destaca-se pela originalidade e pela contribuição significativa para o avanço do conhecimento na área de processos educativos em práticas sociais. Mesmo em ambientes de extrema restrição como o cárcere, a educação pode atuar como um poderoso agente de transformação e empoderamento, promovendo a conscientização das mulheres encarceradas sobre sua situação de opressão e mobilizando-as para transformá-la. O modelo dialógico proposto por Freire (2005) desafia a abordagem

tradicional e bancária da educação em prisões, que geralmente se concentra na disciplina e no controle.

Por outro lado, o projeto “Elas por Elas” evidencia que, mesmo sob as condições de controle e vigilância descritas por Foucault (1987), existem brechas onde práticas de resistência podem florescer. As oficinas literárias, como “sementes de liberdade” plantadas no solo árido do cárcere, desafiaram a lógica disciplinar, proporcionando às detentas a oportunidade de serem “escultoras de suas próprias vidas”, cinzelando uma nova identidade a partir dos escombros do passado. O projeto permitiu questionar e subverter os mecanismos de poder que buscam subjugar suas próprias, como “pássaros em voo” mesmo aprisionadas.

A resistência criativa e simbólica em contextos prisionais pode desafiar a lógica punitiva dominante e inspirar novas abordagens educacionais. Essa resistência, ao ser compreendida sob a perspectiva de Foucault (1987), revela-se como uma estratégia de subversão que questiona o poder institucional e busca transformar as relações de dominação. A educação nesse contexto pode ser recompensada, considerando a capacidade dos propósitos de criar significados, expressar-se artisticamente, e construir identidades alternativas.

Observamos que o projeto “Elas por Elas” criou um ambiente no qual a educação e a produção literária se entrelaçaram, possibilitando que as mulheres encarceradas se transformassem, resistissem, e se empoderassem, construindo novas narrativas para suas vidas. Em outras palavras, observar o projeto “Elas por Elas” é como se tivéssemos um jardim secreto dentro dos muros da prisão. Nesse jardim, as mulheres encarceradas plantam palavras, regam com conhecimento e colhem histórias de superação. Cada página escrita é uma semente de liberdade, e a educação é o solo fértil que permite que essas sementes floresçam. Assim, o projeto se converteu em um canto de resistência, onde as notas se metamorfoseavam em versos e as celas se transformavam em páginas em branco.

**Palavras-chave:** Processos educativos, práticas sociais, empoderamento feminino, resistência, transformação social.

#### **Referências:**

1. BRANDÃO, Carlos. *A educação é a prática da liberdade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
2. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Relatório de boas práticas no atendimento a mulheres em privação de liberdade*. Brasília: CNJ, 2018.
3. FIALHO, Kátia; DAL GOBBO, Elaine. *Um lugar de (e que) fala*. Espírito Santo: Governo do Estado, 2023.
4. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

5. FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
6. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
7. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO ESPÍRITO SANTO. *Funcultura: projeto “Elas por Elas” fica em primeiro lugar no prêmio do Edital Diversidades*. Disponível em: link. Acesso em: 29 jul. 2024.